

ALVIM

Zico —

Agosto, e já faz calor. A safra de trigo no Sul vem boa, mas a de café foi fraca, pelo norte a coisa vai má. O sr. Paul Reynaud anda por aqui e vai à Bahia. Não foi a Fernando ou não? Paulo porque seus governadores não quiseram; e a Academia também não quis que ele falasse lá — visto que lhe atribuem (e ele não se explica bem) um plano de apaziguar Hitler dando-lhe trechos do Brasil. Era melhor que não tivessem convidado o homem.

Falei do governador de Pernambuco; não lembremos seus defeitos e qualidades; o que é inegável é que sua morte veio em má hora para o Nordeste, e o Brasil.

O Brasil está ficando um país de más notícias: começa a morrer gente de repente, e os assuntos quando não são mortes são escândalos, inquéritos e crimes. E os barnabés gritando.

Pois no meio, Zico, a meio dessa confusão nacional, em todo esse governo desgovernado, essa máquina burocrática cheia de desonestos, desidiosos, descontentes e lerdos, neste país em que sujeito que é atendido com gentileza em uma repartição considera isso um milagre e tem vontade de mandar flores para o guichê do funcionário sabe você quem um jornalista resolveu atacar de rijo por incompetente e má figura? O Alvim! Sim, o nosso dr. José Augusto de Cesário Alvim, do Escritório Comercial de Paris, exemplar raro de eficiência, de honestidade, de boa vontade, homem de inteligência e de coração é acusado até de... "falar mal do Brasil" — ele, que fala bem até do presidente Vargas!

Tivéssemos nós mais alguns Alvims espalhados por este mundo, e alguns deles aqui dentro, como essa máquina da burocracia brasileira ganharia em presteza e em limpeza, como seria mais bem informada e mais eficiente, e que número prodigioso de serviços poderia prestar ao povo!

Primeiro, Zico, saiu um ataque perfeitamente injusto ao embaixador Ouro Preto, um homem que tem todos os títulos para ser o que é, um excelente embaixador do Brasil, na França. Agora o visado é do José Augusto. Trabalhar em Paris deve ser uma espécie de crime; preciso a pessoa ter o corpo enchedo para resistir à onda de inveja, de peito, ambições tortas, vaidadezinhas apanhadas que um posto em Paris desperta nos corredores e gabinetes de nossos ministérios.

Confesso que fiquei melancólico vendo essa verrina, eu que tantas e tantas vezes vi José Augusto de Cesário Alvim se desdoirando em lois, em mil, para atender a brasileiros — ministros poderosos ou bolsistas miseráveis, comerciantes ou jornalistas, industriais ou sacerdotes — com aquela sua capacidade extaordinária de fazer seus os problemas dos outros e se negar qualquer sossego antes de resolvê-los, com aquela sua generosidade quase doentia, sua probidade perfeita, dando sempre a serviço do Brasil e dos brasileiros sua inteligência, sua cultura, seu traquejo e sua eficiência!

No fundo isso é bem feito, Zico. Que se xingue o Alvim, éle que não aprendeu aquela sabedoria burocrática de "faire le mort" que um funcionário no estrangeiro aconhehava: cumprir um mínimo de dever, não ter iniciativa nenhuma, aparecer o mínimo possível para que ninguém se lembre de tomar o seu lugar...

A carta está grande, Zico. Vai um abraço do

R. B.

29. 8. 52